



## ENSINO DE GEOGRAFIA EM CURSINHOS POPULARES: CONTRIBUIÇÕES PARA ALÉM DO CONTEÚDO NO PROJETO NOVO VESTIBULAR

José Átila Abreu de Sousa <sup>1</sup>  
Alana Sales Neco <sup>2</sup>  
Mário Marthins Viana Junior <sup>3</sup>

### RESUMO

Os cursinhos populares no Brasil surgiram da necessidade de democratizar o acesso de alunos em vulnerabilidade socioeconômica ao ensino superior em universidades públicas, tendo o objetivo de não apenas auxiliar os estudantes diante dos mecanismos de acesso a esses ambientes, mas também, prepará-los para a vida universitária, contribuindo para a formação humanística e social, corroborando para a constituição de cidadãos crítico-reflexivos conscientes da realidade na qual estão inseridos, capazes de agir de forma ativa para transformá-la. Dentro dessa perspectiva insere-se o Projeto Novo Vestibular (PNV), voltado a preparação pré-vestibular de Jovens e Adultos advindos de escolas públicas e da classe trabalhadora, baseado na visão de uma Educação Libertadora e democrática. Diante disso, a Geografia como ciência que busca compreender a organização do espaço nas suas variadas interações socioambientais e antrópicas, contribui para a compreensão dos estudantes sobre a realidade vivida, assim, surge nos cursinhos preparatórios como uma disciplina fundamental na construção de debates e reflexões sobre diversos temas. O presente trabalho visa a socialização de práticas de ensino de Geografia nas quais efetivamente se desenvolveram noções geográficas para além do conteúdo programático. Através de metodologias como o estudo do meio, o debate participativo e a problematização das temáticas cobradas nos principais vestibulares como ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), se evidenciaram as potencialidades existentes para uma educação geográfica que englobe tanto o conteúdo cobrado nas provas, como também a formação de sujeitos ativos, com consciência crítica frente as contradições da sociedade contemporânea. Por meio do diálogo junto aos discentes do PNV, constatou-se os benefícios da utilização de tais estratégias, as quais facilitaram a comunicação, o raciocínio, a interação e a construção do conhecimento, de modo que a utilização destas metodologias na prática docente, não somente nas aulas de Geografia, converge positivamente para um aprendizado mais eficaz, crítico e participativo.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, Educação popular, PNV, Cursinho pré-vestibular.

### INTRODUÇÃO

O contexto de idealização dos cursinhos populares remonta aos anos de 1990 onde enxergou-se a necessidade de desenvolver respostas aos esforços de democratização do acesso ao Ensino Superior para estudantes das camadas populares da sociedade. através de um melhor preparo para os momentos de prova. Todavia, o surgimento dessa modalidade de curso preparatório para exames de admissão em Instituições de Ensino Superior (IES), os cursinhos

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, [atilasousa@alu.ufc.br](mailto:atilasousa@alu.ufc.br);

<sup>2</sup> Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará - UFC, [alananeco12@email.com](mailto:alananeco12@email.com);

<sup>3</sup> Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, [mariomartins@ufc.br](mailto:mariomartins@ufc.br);

pré-vestibulares (não necessariamente populares) se confunde com o próprio surgimento do ensino superior em nosso País.

Os primeiros cursinhos foram criados, no início do século XX- 1910/1920-, com a proposta de preparar os estudantes não apenas para as provas escritas, mas também para as arguições orais destinadas, naquele momento, a avaliar os conhecimentos de seus candidatos em relação à língua e aos conhecimentos específicos exigidos a cada curso (PIUNTI, 2009, p.106).

Nos anos 1960 os cursinhos eram realizados de forma doméstica, ou seja, aconteciam nas residências dos alunos, nesse período, eram destinados, sobretudo, à preparação para as entrevistas orais, com o tempo esses cursinhos se modernizaram e iniciou-se a chamada indústria dos vestibulares. Essa tendência da época, acompanhava a ampliação do ensino superior, assim como a modernização dos próprios exames de admissão nas IES, os vestibulares. Nesse momento, destaca-se o alto valor investido pelas famílias para assegurar aos seus filhos e filhas o ensino nos cursinhos pré-vestibular.

Com custos altos e a exigência de dedicação, muita das vezes, exclusiva aos estudos os cursinhos pré-vestibulares comerciais são, historicamente, destinados às classes altas e médias que podiam, não apenas arcar com os custos desses cursinhos, mas também se dedicarem às suas propostas pedagógicas (MAGALHÃES, 2018, p. 10)

Defronte a essa realidade e sob a influência de outros fatores, dentre eles o aumento da demanda por cursos superiores, sobretudo de medicina, engenharias e direito, conforme Whitaker (2010, p. 290), criou-se no sistema de seleção ao ensino superior brasileiro *o efeito cursinho* que se configura como sendo a relação direta entre aprovação nas universidades públicas brasileiras e a frequência à cursinhos. Segundo levantamentos da autora, é estimado que a maioria dos estudantes matriculados em cursos superiores no Brasil frequentou, pelo menos um ano, algum cursinho preparatório antes da aprovação.

Dessa forma, além das desigualdades materiais e simbólicas já existentes na sociedade brasileira e que influenciam direta ou indiretamente o acesso e a permanência no ensino superior das camadas mais desfavorecidas da sociedade, a impossibilidade ou dificuldade de frequentar cursinhos acaba aumentando as desigualdades diante dos processos de seleção (NASCIMENTO, 2003, p. 30).

Em reposta a essa situação, foi em 1990 que surgem, muito por conta dos movimentos estudantis e pelo movimento negro, os primeiros cursinhos populares, voltados ao atendimento de alunos oriundos das camadas populares da sociedade, filhos de trabalhadores, pessoas do campo, dentre outros. Os cursinhos de cunho popular surgem com a perspectiva de melhor preparar essa população de estudantes para o momento de se submeterem aos vestibulares, contudo, essa modalidade de cursinho carrega em sua gênese características muito particulares:

Esses cursinhos tinham como objetivo não apenas auxiliar esses estudantes diante do vestibular, mas prepará-los para a vida universitária, além de lutar pela democratização do ensino superior brasileiro. Essas iniciativas chamadas de cursinhos populares, tanto pela literatura a respeito do tema, como por seus integrantes, se desenvolveram nas últimas décadas e atualmente estão presentes em diversas cidades do país (MAGALHÃES, 2018, p. 17).

Com esse viés de preparação para além das provas de vestibular, os cursinhos populares chegam para assegurar não só que o aluno adentre ao espaço de educação superior, mas que ele enquanto se prepara para futuramente estar nesses ambientes, também adquira/fortaleça seus ideais de luta, resistência e permanência no ensino superior, bem como, fomenta cada vez mais as iniciativas de democratização desse acesso para todos. A importância dos cursinhos populares se justifica por muitos fatores, dentre eles a já comentada desigualdade social que existe/persiste em nosso País, a qual, dentre várias manifestações, se reflete em baixos números de estudantes pobres aprovados nas IES de todo o Brasil. Diante disso, com formas de organização e funcionamento diversas, os cursinhos populares se desenvolvem como alternativa de preparação de estudantes que, se não fosse por essa oportunidade gratuita ou com custo reduzido, não conseguiriam se preparar para o exame de seleção (MENDES, 2012). Assim sendo, essa modalidade de cursinho se difundiu pelo Brasil e segue na busca por democratizar o acesso às universidades e demais centros de educação de nível superior.

Nessa ótica, se enquadra o Projeto Novo Vestibular, uma ação de extensão vinculada ao departamento de História da Universidade Federal do Ceará, constituído de licenciandos de variadas áreas do conhecimento, voltado a preparação pré-vestibular de Jovens e Adultos imersos no ambiente de vulnerabilidade social advindos de escolas públicas e da classe trabalhadora. Baseado na visão de uma Educação Libertadora voltada ao âmbito social, traz à tona o entendimento crítico da realidade, assim o professor se apresenta em uma nova estratégia de ensino devendo estar apto a ter empatia com a realidade do aluno, conhecendo de forma

acessível tal realidade e trabalhando de maneira envolvente, estando aberto para também aprender no processo de construção do conhecimento. Um cursinho de cunho popular, criado por alunos que a mais de duas décadas vem desempenhando importante papel no cenário de democratização do acesso ao nível superior.

Diante disso, a Geografia enquanto Ciência que busca compreender a organização do espaço nas suas variadas interações socioambientais e antrópicas, contribui para a compreensão dos estudantes sobre a realidade vivida, assim, surge nos cursinhos preparatórios como uma disciplina fundamental na construção de debates e reflexões sobre diversos temas. Portanto, a disciplina, somadas as demais, busca contribuir efetivamente tanto na construção de conhecimentos necessários para o momento de avaliação nos vestibulares, quanto fomenta ambientes de orientação, conscientização e preparação para vida acadêmica e as lutas de inserção e permanência nesse universo, para isso, no cursinho Popular Projeto Novo Vestibular (PNV) a Geografia busca englobar em seus temas práticas de cidadania, problematização, diálogos, posicionamento crítico/reflexivo e formação de opinião frente as inúmeras contradições postas em nossa sociedade. Giorda (2014) argumenta que Dewey via a Geografia como uma disciplina do contemporâneo e, assim sendo, o seu papel seria preocupar-se com as questões do presente. Desta maneira, seu escopo deve estar direcionado para a aprendizagem de um conhecimento que permite o desenvolvimento da cidadania. Portanto, esse trabalho também busca romper com o que Callai (2018) ainda constata no ensino de Geografia:

Os temas da geografia escolar têm sido apresentados na escola, através de recortes de espaços fragmentados que levam a constituir a ideia de fenômenos isolados. E, por isso, as aulas de geografia compõem um rol de assuntos que têm as explicações artificializadas e naturalizadas como se o espaço geográfico não tivesse a dimensão do trabalho humano, que é historicamente produzido e está localizado nos lugares específicos. Essa situação remete a um ensino pragmático em que os conteúdos devem ser memorizados, o que dificulta a elaboração da reflexão de modo a dar significado ao aprendido, ou melhor, àquilo que é transmitido nas aulas. (CALLAI, 2018, p.12)

Isto posto, o presente trabalho visa a socialização de vivências construídas junto à alunos do PNV, em experiências de estudos dos temas voltados à cartografia social (GORAYEB *et al*, 2015), o uso de mapas e a compreensão da realidade com base nos seus diversos tipos e usos, na tentativa de compreender para além de dados técnicos e procedimentais dessas ferramentas geográficas, explorando seu potencial de suscitar debates, reflexões e ações atrelando o recurso a metodologias como o estudo do meio (PONTUSKHA, PAGANELLI e CACETE, 2007), o

debate participativo e a problematização das temáticas (SAVIANI,1983). Na visão de Saviani (1983) essa última metodologia, trata-se de um método que partindo da visão sincrética da realidade, fazendo a análise a partir da teoria e chegando à síntese – leva a uma compreensão mais elaborada da realidade inicial. Dessa forma, o presente trabalho reafirma a proposição de uma visão de ensino de Geografia com contribuições para além dos conteúdos cobrados nos vestibulares.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho foi realizado no âmbito das aulas de Geografia do Projeto Novo Vestibular, cursinho pré-vestibular localizado no departamento de História no Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará, situada no campus Benfica – Fortaleza CE. Para melhor explanação metodológica, foi pensada a subdivisão das ações que culminaram com a escrita desse trabalho, em seis fases distintas:

I - Levantamento bibliográfico sobre o tema: realizado sem sites de buscas, livros, artigos, periódicos e arquivos públicos.

II - Organização de material e temática: separação dos temas a serem abordados em cada aula conforme cronograma do ano letivo do cursinho.

III - Aquisição de material cartográfico: mapas digitais, mapas físicos, mapas em PDF, e outros formatos digitais. Aquisição de matérias de jornais, entrevistas, dados estatísticos e demais formas de veiculação de informações que se relacionassem com os temas dos mapas.

IV - Organização e correlação do material bibliográfico adquirido com as temáticas da Geografia cobradas em vestibulares. Interligação dos assuntos com temas da metodologia do estudo do meio e criação de propostas de problematização dos temas.

V - Realização das aulas, construção dos debates, uso dos mapas: o estabelecimento da compreensão em conformidade com o estudo do meio, com problemáticas do cotidiano, busca por aproximar as questões estudadas com as realidades dos educandos. Momento de debate, aprendizado e reflexão.

VI – Momento de recapitulação: aglutinação dos achados da experiência, avaliação dos ganhos, pontos positivos e negativos. Alinhamento do texto e escrita de trabalho científico para socialização.

Na fase I, foram visitados sites específicos que trabalham com o desenvolvimento de mapas temáticos tais como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) o site do Ministério da Saúde na aba de acompanhamento epidemiológico da Covid – 19 e a Secretaria da Saúde da Prefeitura de Fortaleza, bem como, foi consultado acervo do departamento de Geografia da UFC e pesquisado na internet diversas fontes de que se utilizam de mapas para compor suas publicações, tais como jornais,= sites de notícias, blogs dentre outros. Ademais, a busca por exemplares de mapas a serem utilizados durante as aulas se estendeu para publicações de trabalhos científicos: artigos, teses, dissertações, etc. Esse esforço se concentrava tanto em levantar material textual de embasamento científico para as aulas e para o presente artigo, quanto reunir material didático (mapas) para serem apresentados, analisados e discutidos nos momentos de aula.

Na fase II, após a reunião de material bibliográfico e cartográfico adequados, foi realizada a catalogação do que exatamente seria usado nas aulas. Quais mapas seriam interessantes de se levar ao momento de debate e possibilitar maiores análises e contextualizações com os temas cobrados nos vestibulares e a propostas de relação com o estudo meio, no qual, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 174) consideram que “ver uma paisagem qualquer que seja do lugar em que o aluno mora ou outra, fora de seu espaço de vivência, pode suscitar interrogações que, com o suporte do professor, ajudarão a revelar e mostrar o que existe por trás do que se vê ou do que se ouve”. Muniz, Silva e Cabral (2020, p. 13), sobre o estudo meio, acrescentam:

[...] não é apenas uma complementação àquilo visto em sala de aula, mas ele por si mesmo é uma fonte de informação e discussão imprescindível no Ensino de Geografia para a construção do conhecimento geográfico. Ele não se esgota no trabalho de campo, mas tem nessa etapa uma das principais formas de colocar o aluno como sujeito do seu processo de aprendizagem, pois ao sair dos muros da escola, o aluno já desenvolve um outro modo de olhar “geográfico”

Ademais, o estudo do meio também promove a abertura à problematização e ao debate participativo. Uma vez que:

Possibilita uma aproximação do aluno com o tema estudado, tornando o conteúdo mais significativo e a Geografia passível de ser discutida a partir da vivência dos estudantes. Além disso, ainda é possível despertar ou reforçar o sentimento de pertencimento, identidade, valorização e interesse por aquilo que está sendo ensinado (SOUSA *et al.* 2022, p. 7).

Giorda (2014) destaca no pensamento de Dewey a metodologia de ensino da Geografia a partir da problematização das situações. Quando Dewey indica o núcleo do ensino de Geografia, ele aponta para as possibilidades de se fazer conexões por meio da investigação, ou seja, o estudo da Geografia deve partir de perguntas, questões, indagações, em busca de responder ao problema posto.

Assim sendo, foram escolhidos dois artigos nos quais contém exemplares de mapas e abordavam temáticas bem próximas à realidade dos educandos. O primeiro artigo foi: FORTALEZA, DE UMA CONTAMINAÇÃO DERIVADA DOS LUGARES TURÍSTICOS À TRANSFORMAÇÃO DOS ESPAÇOS DE MORADIA EM TERRITÓRIOS DE ADOECIMENTO E DE MORTE de autoria de Eustógio Wanderley Correia Dantas, Maria Clélia Lustosa Costa et Carlos Lucas Sousa da Silva. O segundo artigo abordando a outra temática suscitada foi: CARTOGRAFIA SOCIAL UMA FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO TERRITORIAL: REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DAS POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DO MAPEAMENTO PARTICIPATIVO EM PESQUISAS QUALITATIVAS, dos autores: Natane Oliveira da Costa, Adryane Gorayeb Nogueira Caetano, Pedro Ricardo Oliveira Paulino, Lícia Benício Sales e Edson Vivente da Silva, todos da Universidade Federal do Ceará. Esses dois textos traziam em sua composição tanto a presença de mapas quanto abordagens de assuntos cobrados nos vestibulares como a questão dos povos tradicionais, o uso e ocupação do solo, o coronavírus e suas áreas de incidência, questões populacionais, dentre outros temas.

Com base na etapa anterior, a fase III consistiu da busca por mais recursos cartográficos que ilustrassem os assuntos a serem discutidos. Foi feita busca por diversos tipos de mapas, dentro dos assuntos abordados nos dois artigos escolhidos para compor o cerne das discussões e das aulas. Outrossim, também foram pesquisadas matérias de jornais, machetes e demais publicações de cunho informativo para também ilustrar melhor os assuntos nos momentos de debates em sala.

Na etapa seguinte, fase IV, Organização e correlação do material bibliográfico adquirido com as temáticas da Geografia cobradas em vestibulares. Interligação dos assuntos com temas da metodologia do estudo do meio e criação de propostas de problematização dos temas. Foi

feita a aproximação do conteúdo estudado com o dia a dia dos educandos, por exemplo, realizar as leituras de mapas epidemiológicos da região metropolitana de Fortaleza e os impactos disso no cotidiano da cidade e das pessoas, incluindo nós professores, alunos, coordenação e universidade como um todo. Traçar paralelos entre o uso da cartografia social para mapear áreas de povos tradicionais no Brasil e em especial na região Nordeste e Ceará. Assim, colocávamos em prática as questões cartográficas como tipos de mapas, elementos de mapas e usos dos diversos, sempre trazendo exemplos e exemplos que fossem “palpáveis” da nossa cidade, do nosso Estado, do nosso dia a dia, já adiantando aqui nesse parágrafo, um pouco da fase seguinte.

A fase V, consistiu da efetivação dos encontros com os discentes em sala de aula e a construção dos momentos de trocas e aprendizagem. Os momentos se deram durante as aulas de Geografia do Espaço Mundial ministradas as quartas e quintas-feiras nas turmas de extensivo do PNV, turmas A, B, C. Junto a essas turmas foram desenvolvidas as atividades que constam descritas nessa metodologia.

Finalmente, na fase VI temos a construção do presente artigo com a apresentação da proposta, a concatenação dos achados nas experiências realizadas, a socialização do percurso metodológico, o relato dos apontamentos alcançados e o compartilhamento dos resultados e discussões posteriores às práticas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A importância dos cursinhos populares, dentre muitas outras coisas, reside na necessidade de combate às desigualdades em nosso País, sua luta pela democratização do acesso de estudantes das classes populares aos espaços de educação superior perpassa a simples instrução para a realização e exames e vestibulares. Para além disso, os cursinhos são ambientes de conversação, de inclusão, de debate participativo, de diálogo. Os cursinhos populares oportunizam práticas de conhecimento e enfrentamento das realidades e contradições da sociedade, atuam como espaços de resistência, resiliência e ação. A Geografia por sua vez, tem papel fundamental nessas questões, pois trata-se uma Ciência que lida com o espaço geográfico e as ações antrópicas sobre ele, dentre elas, as formas de opressão, de desigualdade e os sistemas que de uma forma ou de outra podem afastar o estudante pobre das instituições de ensino superior. Essa disciplina também tem o potencial de conversar com diversas outras áreas, englobando em sua análise geográfica fatores históricos, sociológicos, filosóficos, matemáticos, linguísticos e entre outros, através da interdisciplinaridade. Todas essas questões



impulsionaram a idealização e realização desse trabalho que possibilitou ganhos significativos tanto para professores quanto para alunos.

Observou-se, que a utilização dos recursos cartográficos, tanto mapas físicos quanto digitais possibilitou uma maior interação dos estudantes, uma vez que eles puderam visualizar aquilo que esteve sendo comentado, aquele dado estatístico, aquela mancha de espalhamento, aquele recorte territorial que compreendia uma área de reserva de povos tradicionais e puderam tocar naquilo que estava sendo apresentado (no caso dos mapas físicos), tecendo indagações a respeito dos elementos do mapa, sobre a escala utilizada, sobre a aplicação daquele recurso dentre outras questões.

Ademais, a correlação dos assuntos trabalhados nos textos e nos mapas com a realidade dos educandos foi outro ponto para despertar o interesse e a curiosidade, algo que para FREIRE (1979) é considerado fundamental nos processos do aprendizado, pois para ele, o conhecimento toma uma dimensão humana, quando afirma que:

[...] o conhecimento não é um ato, através do qual, um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que o outro lhe oferece ou lhe impõe. O conhecimento exige uma posição curiosa do sujeito frente ao mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Exige uma busca constante. Implica invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o mesmo ato de conhecer pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se, assim, percebe o 'como' de seu conhecer e os condicionamentos a que seu ato está submetido. Conhecer é tarefa de sujeitos e não de objetos. E é, como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. (1979, p. 28)

Essa noção atrelada ao estudo do meio, podem render ótimas aulas com intensos debates e trocas entre docentes e educandos, conforme Paulo Freire afirma, “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio desta realidade e procurar soluções.” (1979a, p. 30). Por exemplo, a medida em que ocorria o debate com a participação dos alunos e era falado sobre o avanço da Covid – 19 em bairros de Fortaleza, mais era visível a interação deles com a conversa, muitos apontavam, “eu moro nesse bairro”, outros diziam “tenho parentes nesse bairro”, outros comentavam sobre a curva de infecção pelo coronavírus ser maior em bairros periféricos enquanto nos bairros nobres tinham uma taxa menor de doentes e mortes. Outras observações interessantes sobre esses primeiros mapas é a feita por uma aluna, antes mesmo da explicação geral dada por nós professores; em observação preliminar, a jovem inferiu que, a medida que o tempo foi passando, as maiores taxas de contaminação foram migrando dos bairros mais ricos de Fortaleza para os bairros mais pobres, e que quando as taxas de infecção estavam altas nos bairros pobres, outra taxa também cresceu muito, a do número de

óbitos. Foram essas e tantas outras percepções que foram se afluando conforme o debate se seguia. Em meio a essas questões foram surgindo as problematizações a respeito da dupla realidade vivenciada na pandemia, onde os ricos viveram um tipo de pandemia (com acesso a medicamentos, hospitais, tratamentos etc.) enquanto os pobres, a maior parcela da população de Fortaleza, viveu outra realidade, com hospitais lotados, falta de médicos e uma outra parcela dentro dessa, ainda conviveu até mesmo com escassez de recursos básicos como água e alimento.

Dessarte, os conteúdos que todo cursinho oferece e que são necessários para que o estudante possa fazer uma boa prova de vestibular foram ministrados, todavia, as aulas e os momentos construídos com os discentes não se limitaram a isso, indo além, explorando dentro dessas perspectivas cobradas em provas, intersecções com o cotidiano, com vida real, com meio no qual estamos inseridos, buscando vislumbrar como aquele fenômeno pode afetar a nossa vida e acima de tudo, como podemos ser agentes transformares da nossa realidade para lutarmos e resistirmos contra essas e tantas outras situações, buscando através da educação e do conhecimento reconhecer, discutir, trabalhar e ultrapassar as inúmeras barreiras das desigualdades postas em nossa sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Durante o planejamento, realização das atividades junto aos discentes, bem como, durante a escrita desse trabalho, foi possível constatar com mais certeza a importância dos cursinhos populares, como o esforço de resistência, resiliência e luta em prol de uma verdadeira democratização do ensino superior. Foi realmente gratificante fazer parte desse trabalho realizado pelo Cursinho Pré-vestibular PNV, poder reafirmar junto aos docentes dessa instituição a luta pela queda das desigualdades através da educação.

Referente a este trabalho propriamente dito, ele veio para somar a tudo já mencionado, à Geografia enquanto Ciência que possui seus campos de lutas e suas bandeiras a defender vem para mostrar que, dentro dos cursinhos, não deve se omitir frente às incontáveis contradições do mundo contemporâneo e que sim, possui em sua essência potencialidades para contribuir cada vez mais com as lutas das classes menos favorecidas, dos trabalhadores, das minorias, dos estudantes e das estudantes que talvez só precisem de “um empurrãozinho” para galgarem os seus sonhos. Ademais, além de contribuir com a formação desses indivíduos, os capacitando para os mais variados vestibulares, os cursinhos, o PNV em específico e a Geografia como um

todo podem colaborar na construção de espaços de ação, de resistência e luta por um País mais justo, menos desigual com oportunidades para todos.

As atividades desenvolvidas com a cartografia, aliada ao estudo do meio e a problematização como motor inicial das discussões, se mostraram como sendo ferramentas formidáveis no sentido de promover uma Geografia que ensine para além do conteúdo. Pois, por meio do diálogo junto aos discentes do PNV, constatou-se os benefícios da utilização de tais estratégias, as quais facilitaram a comunicação, o raciocínio, a interação e a construção do conhecimento, de modo que a utilização destas metodologias na prática docente, não somente nas aulas de Geografia, converge positivamente para um aprendizado mais eficaz, crítico e participativo.

## **REFERÊNCIAS**

BACH, Maria Regina. CARVALHO, Marco Antônio Batista. **METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO COMO POTENCIALIZADORA DA EDUCAÇÃO BÁSICA**. Editora, Aletria, São Paulo, 2011.

BOTELHO, Lúcio Antônio L. Alvarenga. VALADÃO, Roberto Célio. A PROBLEMATIZAÇÃO NAS AULAS DE GEOGRAFIAE SUA IMPORTÂNCIA NO DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO. Periódicos PUC Minas. Caderno de Geografia (2022) v.32, n.71

COSTA, Natália Oliveira. GORAYEB, Adriane N. Caetano. PAULINO, Pedro Ricardo Oliveira. SALES, Licia Benicio. SILVA, Edson Vicente da. **CARTOGRAFIA SOCIAL UMA FERRAMENTA PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO TERRITORIAL: REFLEXÕES TEÓRICAS ACERCA DAS POSSIBILIDADES DE DESENVOLVIMENTO DO MAPEAMENTO PARTICIPATIVO EM PESQUISAS QUALITATIVAS**. ACTA Geográfica, Ed. Esp. V CBEAGT,2016. pp.73-86. Boa Vista, 2016.

DANTAS, Eustógio W. Correia. COSTA, Maria Clélia Lustosa. SILVA, Carlos Lucas. Fortaleza, de uma contaminação derivada dos lugares turísticos à transformação dos espaços de moradia em territórios de adoecimento e de morte. Dossiê A pandemia de Covid-19 no Brasil. Confins. Revista Franco-brasileira de Geografia. Nº 45, 2020.

CALLAI, H, C. Educação geográfica para a formação cidadã. Revista de Geografia Norte Grande. 70, p. 9-30,2018.

CARVALHO, A.M.P. Ensino de Ciências e a proposição de sequências de ensino investigativas. In: CARVALHO, A.M.P. Ensino de ciências por investigação: condições de implementação em sala de aula. São Paulo: Cengage Learning, 2013. cap. 1. p. 1-20.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação, Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1979.
- GIORDA, C. Il mio spazio nel mondo. Roma: Carocci, 2014. 206p.
- MENDES. Inclusão ou Emancipação? Dialética da educação popular em cursinhos populares. In: Às Portas da Universidade: alternativas de acesso ao ensino superior. Ed. Xamã, São Paulo. 2012.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Coronavírus no Brasil, Painel Coronavírus. Acesso em: 01 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>
- MUNIZ, Alessandra Maria Vieira, CABRAL, João Marcos Tavares, SAMAPAI, Patrícia Marques. Trajetórias Urbano-Industriais e a Geografia Escolar: Pensando o Ensino de Geografia das Indústrias no Espaço Metropolitano de Fortaleza, Ceará. VI CONEDU – Vo 1... Campina Grande: Realize Editora, 2020. p. 3860-3876.
- NASCIMENTO, A. L. No entrelace da educação básica com a educação superior: cursinhos militantes. In: Uniciências, vol,7, 2003.
- SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. São Paulo: Cortês/Associados, 1983.
- SECRETARIA DA SAÚDE, PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. Boletim Epidemiológico. Acesso em: 01 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://coronavirus.fortaleza.ce.gov.br/boletim-epidemiologico.html>
- SOUSA, J. A. A. de. LIMA, M. Eduarda Oliviera. QUEIROZ, Emanuelton Antony Noberto de. MUNIZ, Alessandra M. Viera. EXPERIÊNCIAS DE EXTENSÃO NO CONTEXTO DO PÓS PANDEMIA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES. Anais, VIII Congresso Nacional de Educação (CONEDU), Editora Realize, Maceió, 2022.
- WHITAKER. D, C, A. Da invenção do vestibular aos desafios dos cursinhos populares; um desafio para a Orientação Profissional. In: Revista Brasileira de Orientação Profissional. Vol.11, n 2, 2010.